



Franz Kafka, Murilo Rubião e Modesto Carone: “o impossível” como possibilidade de escrita

Zenaide Tamires Costa Santana, Rita de Cássia Silva Dionísio Santos

Introdução

Franz Kafka (Praga, Tchecoslováquia, 1883 – Áustria, 1924), Murilo Rubião (1916, Silvestre Ferraz, hoje Carmo de Minas-MG – 1991) e Modesto Carone (1937 – São Paulo, Brasil) – escritores distantes através do tempo e, de certo modo, do espaço em que se deram as suas escritas. Entretanto, a leitura de suas narrativas traz ao leitor, muitas vezes, a impressão de proximidade, unindo-os virtualmente pelo traço da escrita – que ora sim, ora não revela uma nuance comum aos três escritores. Dessa proximidade, pouco a pouco, é possível entrever como as semelhanças não são coincidências – mas, por outro lado, revelam um modo específico de lidar com a literatura: um modo de expressão singular que parte, a princípio, de singulares procedimentos. Em outras palavras, a proximidade entre esses autores se estabelece, principalmente, a partir dos procedimentos de escrita, nos quais se evidenciam uma linguagem “ressecada”, isto é, pobre no que diz respeito ao léxico utilizado – há uma redução dos termos, uma necessidade de escolher “o essencial” no dizer. Contudo, além disso, há, também, a presença recorrente de elementos insólitos, absurdos: impossíveis de se dar no mundo – possível apenas no âmbito da literatura, isto é, na ficção. Assim, vemos, nas narrativas de Kafka, Rubião e Carone, como a impossibilidade se torna um elemento da própria narrativa: impossibilidade que, paradoxalmente, só se torna possível dentro da narrativa – uma vez que os escritores dão voz às comunidades antes invisíveis ou acontecimentos inimagináveis. Como no caso de Kafka: a história do cão-investigador que relata suas experiências e, assim, passa a ser o próprio narrador do conto; em Rubião: Teleco, o coelho, não para de transformar-se, tornando-se inapreensível às categorias de identidade; em Carone: espectros de sonhos permeiam as narrativas tornando indiscernível o plano onírico do plano da ação no mundo. Tais exemplos figuram como a passagem do impossível para o possível ou, como sugere Maurice Blanchot, a respeito do próprio movimento da escrita literária: passagem da impossibilidade para a possibilidade, em que a palavra se torna, propriamente, literária. Disso decorre o estranhamento do leitor no momento em que faz a leitura, visto que tais acontecimentos lidam com outro espaço, não menos real: o imaginário. Desse modo, compreendemos como a criação literária – através da possibilidade de criar mundos, diversos do mundo – possibilita o engendramento de novas formas de sentir e perceber o mundo, transformando, assim, a nossa sensibilidade, por vezes, já estagnada pelo fluxo impregnado do mundo em que vivemos. É dessa forma que observaremos os movimentos da escrita desses três autores. Ao tornar possível uma expressão desatrelada da lógica do mundo, deparamo-nos com escritas potencialmente diferentes do comum – impossíveis na esfera da razão, alargando-se em direção ao outro, desconhecido do mundo, propulsor da liberdade da palavra literária. Nesse viés, parece-nos que os movimentos, por vezes, presentes nos contos desses autores, fazem reverberar o deslocamento que, em última instância, é a “movência” própria da escrita literária – ao tornar possível o impossível diante de sua impossibilidade – pois só assim, bem afirma Maurice Blanchot, torna-se possível a escrita literária – quando esta lida e ultrapassa a sua própria impossibilidade.

Materiais e métodos

O estudo parte da leitura e análise de contos presentes nas obras: *Narrativas do Espólio*, de Franz Kafka [1]; a *Obra Completa* de Murilo Rubião [2] e *Por trás dos vidros*, de Modesto Carone [3]. Partindo de um estudo investigativo, de abordagem crítico-teórica, observaremos os aspectos da linguagem que contribuem para o surgimento do insólito e do absurdo como marcas de acontecimentos impossíveis de se realizarem no mundo. Assim, pautando-nos na concepção de linguagem literária de Maurice Blanchot presente n’*O espaço literário* [4] e na perspectiva deleuzeana da literatura enquanto “o possível” diante dos enfrentamentos, por vezes, insuportáveis vivenciados no mundo – tentaremos expor um percurso no qual poderíamos ver nos elementos narrativos, o reflexo do próprio gesto da escrita. Desse modo, será a partir da crítica literária comparatista na leitura dos contos, que estabeleceremos a análise proposta em diálogo com a concepção de linguagem de Maurice Blanchot, crítico e ensaísta francês, bem como da leitura de *Kafka*: por uma literatura menor em que Gilles Deleuze e Félix Guattari [5] explicitam as implicações de uma literatura outra dentro da própria literatura universal. Retomaremos, também – como já dito – a visão deleuzeana que vê na literatura “o possível”, a corrente de ar que perpassa o mundo, atravessando e, assim, escapando dos lugares de poder estabelecidos pelas instituições.



Apoio financeiro: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais - FAPEMIG

Resultados

Na leitura dos contos que integram as obras em questão, foi possível observar que a impossibilidade, manifesta de modo insólito e absurdo, engendra-se como um dos elementos das narrativas dos três escritores: Kafka, Rubião e Carone. Através desse dado, observamos que tal elemento constitui-se, em alguns casos, como uma crítica ao sistema político-econômico vigente. Dessa forma, a literatura surgiria como um meio de se escapar das dicotomias vigentes e da própria aparelhagem de poder, constituindo-se como algo incomum, de outra esfera, visto que tais narrativas não buscam legitimar poderes, antes, seguindo a perspectiva de Blanchot, lidam com o estatuto da palavra literária, tornando-se, assim, destituídas de todas as formas de poder no mundo. Nesse sentido, tais fatos narrados podem propiciar ao leitor reflexões acerca de sua condição enquanto existente numa sociedade desejosa, cada vez mais, de poder, bem como do capital. Nessa perspectiva, as literaturas desses escritores incidem sobre o prisma do novo, ao reinventar uma expressão capaz de desestabilizar os seguimentos sociais – sobretudo, no caso de Kafka, visto que, para Deleuze e Guattari, o autor tcheco cria uma nova língua, isto é, um modo de expressão que reinventa o próprio código linguístico. Ainda que volte para o já passado, é na busca do possível, do que ainda está por vir, que se encontra a força dos escritos de Kafka, Rubião e Carone, uma vez que no “agora” parecem esgotadas as possibilidades – o por vir enquanto um devir que nos leva para um outro pensamento, ou melhor, para um outro modo de vida.

Discussão

A partir desses aspectos, tentamos observar, através da leitura dos contos de Kafka, Rubião e Carone, a forma como essas narrativas lidam com a presença recorrente de fatos impossíveis de ocorrer no plano da lógica do mundo. Tais fatos só se fazem “possíveis” na esfera da literatura – uma vez que esta lida com a criação de um outro mundo, ou melhor, de outros mundos, em que nem sempre se teria como referencial o mundo, tal como se vive. Assim, paralelamente, procuramos compreender a estreita relação que esses fatos possuem – enquanto “impossíveis” de se concretizarem no mundo – com o gesto da escrita, tendo em vista a concepção blanchotiana de linguagem. Nesse sentido, a partir de uma concepção que evidencia a autonomia da linguagem literária, temos a impossibilidade do escritor de lidar com um mundo não demarcado por leis ou regras, visto que o espaço da literatura surge, virtualmente, como devir – como um fluxo de forças que trespassa quem escreve ou a própria obra. Tal mundo concerne apenas à escrita. Assim, quem escreve, para Blanchot, lida com o desconhecido ao mundo, o inexpresso no mundo. A tentativa de expressar e se relacionar com tais forças é uma experiência marcada pela impossibilidade: impossibilidade de se sair do mundo e de nele continuar, impossibilidade de lidar com uma outra via, daí o medo – ou o afastamento vivenciado, por vezes, por alguns escritores. Tendo em vista tais movimentos, foi possível reconhecer em algumas narrativas dos autores aqui estudados – Kafka, Rubião e Carone – o reflexo desse gesto, em que o insaturável emerge do papel como o impensado dentro das balizas do mundo, como se se afirmassem esta impossibilidade própria da literatura (uma vez que a linguagem literária se desvincula da linguagem comumente utilizada no mundo – daí a impossibilidade de o escritor relacionar-se com ela). É nesse aspecto que os contos desses autores recriam o mundo, uma vez que inventam uma nova forma de problematizar, de expor suas percepções em tornos dos fatos, invertendo, por vezes, através dos personagens ou de narradores-personagens, a lógica do mundo. A partir disso, foi observado como a impossibilidade reverbera duplamente em tais experiências literárias: primeiro através da própria lida, isto é, através da exigência do ato da escrita e seguidamente, transforma-se em um elemento narrativo, o que propicia uma outra dinâmica na esfera da literatura.

Considerações finais

Baseando-nos numa leitura dos contos dos escritores em questão, notamos movimentos de escritas semelhantes que de um modo ou de outro, encaminham-se para uma direção em comum. Através de suas narrativas, Kafka, Rubião e Carone reinserem no campo do imaginário a impossibilidade. Desse modo, esta não está somente relacionada à problemática da expressão, uma vez que agora surge, reiteradas vezes, sob o signo da catástrofe, do absurdo e do insólito – fatos narrativos que embaralham a lógica reinante no mundo. Logo, teremos um novo tom para essas narrativas, especialmente, nas narrativas das obras citadas, pois estas parecem tornar-se a repetição do movimento da busca pela própria palavra literária ao se chegar ao impasse; pois há sempre um impasse nos textos de Kafka, em alguns contos de Rubião e noutros de Carone. Esse embaraço caracteriza, conforme Blanchot, o desejo da palavra literária de sair de uma dada esfera para atingir a sua via plena. É assim que despontaria a impossibilidade do homem de relacionar-se com a escrita e com o espaço literário – uma vez que esse espaço se constitui como o desconhecido, e, por vezes,



distante das vivências do homem no mundo. Entretanto, por outro lado, quando observamos a perspectiva de Deleuze, vemos que a literatura surgirá como o possível, pois, para o autor, o mundo em que se vive constitui-se impossível de se suportar. Nesse aspecto, a literatura aparece como a lufada de ar que torna a existência mais leve. É desse modo que a literatura se tornaria uma nova forma de reinventar a vida.

Referências

- [1] KAFKA, Franz. **Narrativas do espólio**. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- [2] RUBIÃO, Murilo. **Obra Completa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- [3] CARONE, Modesto. **Por trás dos vidros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- [4] BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- [5] DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka: por uma literatura menor**. Trad. Cíntia Vieira da Silva. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2014.



Fotografias (em sentido horário): Franz Kafka acompanhado de um cão. (Disponível em: <<http://cajamarcaglobal.com/entregar-manuscritos-de-kafka-a-la-biblioteca-nacional-de-jerusalen/>>. Acesso em: 27 Jul. 2015); 'Overnight' by Ivan Pavlukhin, 2003. (Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/87281283@N04/9037891823>>. Acesso em: 27 Jul. 2015); Murilo Rubião no apartamento da Rua Goitacazes, 1948. (Disponível em: <<http://www.revistaamalgama.com.br/10/2013/ler-murilo-rubiao/>>. Acesso em: 27 Jul., 2015); Modesto Carone. (Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/sobre-a-vida-dos-insetos-bk7zsis8u5biz9k3jv47vbke>>. Acesso em: 27 Jul., 2015).